



Tempos sombrios e mobilidades luminosas: a poesia de baixa altitude de Dahlia Ravikovitch

Dark Times and Illuminating Mobilities: the Low Altitude Poetry of Dahlia Ravikovitch

Jorge Alves Santana*

Leila Borges Dias Santos**

Resumo: Dahlia Ravikovitch, uma das poetisas mais representativas da poesia hebraica contemporânea, em seu poema "Hovering at a Low Altitude" (2009) conta que descobriu um método socioestético bem simples para viver, sobreviver e atuar de modo pragmático em sua realidade pessoal e coletiva: o que supõe, entre outras camadas semânticas, sua não permanência tão próxima à terra, nem sequer em voo mais alto; que sua rede de mobilidade heterogênea também fosse construída na esfera da baixa altitude. Nesse quadro, acompanharemos e refletiremos sobre um conjunto minimamente representativo de seus poemas, cujas temáticas e engenharias poéticas nos remetem às subjetivações em fluxo na sociedade hebraica atual, no que diz respeito a sua condição multicultural e aos conflitos multiétnicos, aos lugares históricos da condição feminina, à mobilidade polifônica do povo judeu, e, sobretudo, aos parâmetros das coexistências humanas possíveis de imediato e daquelas utópicas, em tempos de globalização.

Palavras-chave: Poesia. Polifonia. Dahlia Ravikovitch.

Abstract: Dahlia Ravikovitch, one of the most representative poets of the contemporary Hebrew poetry, in her poem *Hovering at a Low Altitude* (2009) tell us that she discovered a social aesthetics method very simple to live, survive, and act in a pragmatic way in her personal and collective reality: which supposes, among others semantics layers, her impermanence too close to the ground, not even in a higher flight; that her heterogeneous mobility network was also built in a low altitude ambit. In this picture, we'll accompany and reflect on a minimally representative set of her poems, which poetic theme and engineering remind us of the subjectivation currently happening in the Hebrew society, such as its multicultural condition and multiethnic conflicts, historic places of the female condition, the polyphonic mobility of the Jewish people, and above all the parameters of the human coexistence both the immediately possible and the utopic, in times of globalization.

Keywords: Dahlia Ravikovitch. Poetry. Polyphony.



I've found a very simple method,
not so much as a foot-breadth on land
and not flying, either
hovering at a low altitude.

Dahlia Ravikovitch

E preciso aprender a sair de si, a sair de
seu entorno, a compreender que é a
exigência do universal que relativiza as
culturas e não o inverso.

Marc Augé

Introdução

Charles Baudelaire, em seu paradigmático poema “O albatroz”, metatextualiza a produção poética de modo romântico e dialético, quando nos alegoriza o poeta na figura do albatroz. Essa ave voaria com liberdade e elegância nas alturas; porém, quando em terra firme, ao lado dos seres humanos, perde seu vigor libertário e sua elegância, em função do peso corpóreo afetado pela irremediável gravidade que sobredetermina seus movimentos. Para Baudelaire, na última estrofe de seu poema:

O poeta é semelhante ao príncipe da altura
Que busca a tempestade e ri da flecha no ar;
Exilado no chão, em meio à corja impura,
As asas de gigante impedem-no de andar.
(BAUDELAIRE, 2012, p. 84).

A grandeza da perspectiva socioestética termina por impedir a coexistência do albatroz/poeta com a comunidade que exerce atração. Vitimado, parece perder então sua potencialidade de expressar a realidade cotidiana de modo diferenciado, por meio da perspectiva artística que lhe é inerente. No entanto, mesmo contorcendo-se de modo desequilibrado, condição que até o anularia em sua potência, o poeta/albatroz continua inserido na rede de relações em que se lança e na qual procura estratégias de autoproteção e de intervenção nas realidades de integração coletiva que lhes são dadas. De certa forma, a alegoria de Charles Baudelaire adere-se ao campo literário produzido por Dahlia Ravikovitch.¹



Em seus poemas, prosa, textos jornalísticos, traduções literárias e vivências psicossociais e políticas, acompanhamos o instigante vigor com o qual essa escritora se lança em variadas áreas da multicultural sociedade hebraica contemporânea.

Refletiremos, neste artigo, sobre seis poemas de Ravikovitch que são: “Omens”, de 2008; “Hovering at a Low Altitude”, de 2009; “Clockwork Doll”, de 1959; “A História do árabe que morreu no incêndio”, de 2008; “Like Rachel”, de 2009; e “A dress of fire”, de 1978.² Essa abordagem crítica desse conjunto poético pretende refletir sobre as mobilidades pessoais, espaciais e temporais que a poeta foi capaz de articular, tanto em sua obra literária, quanto em sua vida pessoal, na imersão nos cotidianos de sua complexa realidade coletiva, construída nos embates e negociações multiculturais e multiétnicas. Junta-se a isso, temas contemporâneos dos movimentos de globalização político-cultural no que dizem respeito às guerras, à condição feminina e ao diálogo atualizador da mitologia bíblica e grega.

Pensamos, assim, poder compreender um pouco da proposição básica que Ravikovitch diz ter descoberto, em diálogo com as reflexões de Charles Baudelaire. Sua descoberta, expressa no poema “Hovering at a Low Altitude”, seria a de que poderíamos sobreviver melhor quando ocupássemos o espaço, talvez o entrelugar, entre a altura e o chão concreto. Duas realidades produzidas de modo histórico e arbitrário, que, por vezes, limitam as razões práticas e dialéticas dos sujeitos. Nessa perspectiva do voo em baixa altitude, comprometidos com a literatura que também pretende fazer certas intervenções socioestéticas no plano político-cultural de uma comunidade diversificada, é que observamos e refletimos sobre os voos possíveis, tanto em tempos sombrios quanto nas desejadas mobilidades luminosas do projeto estético de Ravikovitch.

1 Coexistências e fronteiras heterogêneas

Um dos móveis do projeto estético de Ravikovitch parece ser a observação sistemática que a poeta exerce sobre si mesma. Seu trabalho demonstra certa necessidade de compreensão do processo em si. No entanto, a vontade de poder controlar tal produção poética não se baseia no desejo positivo de reconhecimento completo do que se faz. Algo da linguagem usada, da experiência imaginada e daquela vivida, transborda no produto poético que é lançado no sistema da comunicação pragmática. Presságios indicam que a individualidade centrada, segura de si mesma e de sua rede interpessoal está colocada em um campo vivencial no qual os fluxos subjetivos e os dados da realidades podem ser perspectivados pela sua disposição múltipla, heterogênea e conectada. Vejamos o poema:



Omens

When the glass drops
a splinter shoots,
and a piece of paper slips,
and something shifts or stirs,
and something splits from the proper frames
one must always be on guard.

Now I write and pause,
to think,
many sheets of paper got stuck in my throat.
I, if I may say so, am no longer I.
I'm split, wasting fast.
A quiver in the air. The mould is missing.
Perhaps it is I who's dropping quickly.

And I refuse to believe it.
I simply refuse to see.

(KELLER, 2008, p. 140).

A alegoria do copo quebrado, com seus cacos em franca movimentação descontrolada, vai ao encontro da escrita artística, na qual a poeta deseja compreender certo descontrolo ontológico ao processo de representação. Seu desejo de ficar em constante guarda perante a produção possível parece que é sublevado, tornando-a desejosa talvez de compreender seu lugar como agente poético em franca provisoriedade constitutiva.

O eu do poema vislumbra o presságio de que sua intencionalidade está fragmentada por outras possibilidades de subjetivação. Sua personalidade é lançada no encontro necessário com outras subjetivações a sua volta. Há um tremor no ar que lhe poderia assustar, mas mesmo assim, ela constata que não há um plano padrão que reestabeleça certa ordem em suas percepções sobre si mesma e, sobretudo, sobre as realidades sociais nas quais está incerta/inserta. Os presságios lhes indicam a queda. No entanto, apesar de sua suposta recusa ao princípio da queda, há marcação de que o sujeito deseja ter dados para compreender seu papel perante si mesmo e perante os outros sujeitos. Dessa forma, uma dinâmica entre o eu e as outridades,³ diferenças relativas com as quais interage de modo recíproco, dão a tônica para essas expressões.

Essa preocupação em demarcar cartografias conexas entre subjetivações pessoais e coletivas também dá o tom do poema "Hovering at a Low Altitude". A voz que perspectiva o núcleo acional questiona sua mobilidade fixa que se preocuparia tão somente com questões pertinentes a sua suposta identidade



insulada em seus valores, crenças, intuições e sensações. O tema do poema, bem como seu desdobramento, é minimalista, rarefeito em sua referencialidade e relativamente lacônico. Teríamos um olhar de quem voa em uma avião, observando e tentando compreender um ato violento de um homem em relação a uma garotinha que cuida de um pequeno rebanho de bodes? Um avião que sai das alturas e aproxima-se do solo, em voo de baixa altitude, sem no entanto tocar esse solo/essa realidade concreta? Eis o início do poema:

I am not here.
I am on those craggy eastern hills
streaked with ice
where grass doesn't grow
and a sweeping shadow overruns the slope.
A little shepherd girl
with a herd of goats,
black goats,
emerges suddenly
from an unseen tent.
She won't live out the day, that girl,
in the pasture.
(RAVIKOVITCH, 2009, p. 50).

Ficamos sabendo que a menina não sobreviverá a esse dia, quando está sozinha em sua lida cotidiana, e sequer sabe que não adianta pedir socorro em relação ao ataque que lhe será fatal. Nada sabemos da origem do homem que comete o ato. Talvez com o auxílio de paratextos – prefácios, posfácios, capa de livros – e de metatextos – fortuna crítica sobre as obras –, tenhamos dados para pensarmos nos intensos conflitos multiétnicos que envolvem a construção e consolidação do estado israelense, nas relações com os povos palestinos.

O eu lírico marca sua fala, diante desse fluido e, ao mesmo tempo, intenso confronto, com a insistente afirmação de estar ali nos lugares onde fatos intensos acontecem. Esta relatividade de enraizamento espacial cria condições para que se saia de lugares antropológicos em franca construção da sociedade israelense, mesmo que seja aquela espacialidade um tanto libertária e ativista de Tel Aviv e cercanias. Da suposta tranquilidade espacial de uma casa, de um bairro, de um assentamento, de uma cidade, vai-se para campos ainda não territorializados de modo oficial pelas forças políticas em oposição.

I've found a very simple method,
not so much as a foot-breadth on land
and not flying, either—
hovering at a low altitude.



(RAVIKOVITCH, 2009, p. 50).

O voo em baixa latitude é um dos planos mais simples, porém dos mais engenhosos pra se fugir à bipolarização entre a perspectiva do alto e a do baixo. Denega-se a mobilidade de um espaço, transformado pelos dispositivos da política e da cultura, restrito. Repete-se no poema todo o não estar aí para talvez se conquistar a plenitude de se estar em todos os lugares nos quais a violência das guerras multiétnicas ocorrem, por vezes, em silêncio social e sob certa complacência política do lado de segmentos sociais que arbitram tanto os poderes econômicos, quanto os políticos. Percebemos essa situação na estrofe que fecha tal poema:

I am not here.
I'm above those savage mountain ranges
in the farthest reaches of the East.
No need to elaborate.
With a single hurling thrust one can hover
and whirl about with the speed of the wind.
Can make a getaway and persuade myself:
I haven't seen a thing.
And the little one, her eyes start from their sockets,
her palate is dry as a potsherd,
when a hard hand grasps her hair, gripping her
without a shred of pity.
(RAVIKOVITCH, 2009, p. 50).

A suposta simplicidade do plano de voo/ possibilidade de visão difere-se daquela estratégia, por exemplo, das aeronaves de guerra que vigiam os territórios tidos como inimigos. Em uma postura pacifista, aproxima-se, pois, das outridades, colocadas às margens dos encontros que negociam coexistências negociáveis. Assim, o não estar em nenhum lugar parece supor a permanência que guarda o mapeamento das heterogeneidades geopolíticas que também abarcam o bem-estar psicossocial dos seres humanos em concreto risco de vida.

Sai-se, então, quando referenciamos a situação, do espaço tolerante e ativista de Tel Aviv, da segurança oficial de Jerusalém, da instrumentalização político-partidária dos *kibutz* para uma espacialidade conflituosa, no qual outro tipo de voo é sugerido. Agora, o eu lírico, não se coloca nem tanto nas alturas do olhar onisciente e judicativo, nem tanto na imersão imanente da subjetividade de seus próprios estupores e sofrimentos psicossociais. O plano simples supõe que se veja e se represente os tempos sombrios que são conformados pela dialética entre um eu que se dispõe a encontros fecundos com as outridades e, que em



tais encontros, sua individualidade seja afetada e modelada de modo transversal. Por fim, a denegação do “não vi nada” ressalta o aspecto de que na mobilidade heterogênea pode se ver até mesmo o que nos afronta e nos obriga a tomar partido para o deslocamento do contexto conflituoso. Assim, a menina que será assassinada é vista tanto por seu algoz quanto por aquele olhar do poeta que a capta, que a representa e que a entrega ao leitor, também imerso nessa rede socioestética.

2 Tempos sombrios

Um dos traços marcantes da poesia de Ravikovitch é a tensão constante entre o que ocorre em sua vida íntima e familiar e os fatos sociais, históricos e culturais de sua imaginação/construção/reconstrução da comunidade hebraica,⁴ perspectivada de modo multicultural. Nesse quadro, a relação com os povos palestinos é uma constante em sua obra, como observamos no poema anterior, no qual a vítima de enfrentamentos cotidianos é sintetizada pela condição feminina. Não é um homem que é vitimado, e sim uma pastorinha que, sem recurso algum pra se defender, é morta por um homem que tanto pode representar os dispositivos do exército israelense quanto também algum comportamento abusivo/punitivo da própria cultura palestina perante a subserviência exigida da figura feminina.

Nesse quadro, também observamos que a poesia crítica e pacifista de Ravikovitch abrange a questão do feminismo, até mesmo sob o ponto de vista vanguardista para sociedade. Exemplo disso é o já amplamente divulgado poema “Clockwork Doll”:

I was a clockwork doll, but then
That night I turned round and around
And fell on my face, cracked on the ground,
And they tried to piece me together again.

Then once more I was a proper doll
And all my manner was nice and polite.
But I became damaged goods that night,
A fractured twig poised for a fall.

And then I went out to dance at the ball
But they cast me aside with the dogs and the cats
Though all my steps were measured and true.

And my hair was golden, and my eyes were blue
And I had a dress with flowers and all,



And a sprig of cherries tacked to my hat.
(RAVICOVITCH, 1959, p. 76).

A alegoria da boneca mecânica parece já ser rotineira em nossa contemporaneidade ocidental, após ondas e ondas do desenvolvimento do pensamento e das práticas feministas. Porém, em sociedades notoriamente tradicionais quanto a princípios e preceitos religiosos, ainda é um tema que chama atenção pela ousadia que é dada ao seu tratamento.

A boneca do poema representa o protótipo da mulher tida como o segundo sexo por um *socius*, no qual os lugares sociais e seus modos de reprodução se assentam sob parâmetros de hierarquização de sexo e de gênero. Tal protótipo de subjetivação exemplar, no entanto, é tensionado na avaria fatal que se pode ter, em contextos nos quais a vigilância, manutenção e controle são questionados.

A boneca, artefato humano coisificado, movimenta-se e movimentando-se impõe invariáveis existenciais ao que o mantém submissa. A mobilidade da boneca mecânica demonstra o caráter da situação revolucionária que pode envolvê-la. Ela se acidenta. Quebra-se, mas é imediatamente consertada para cumprir a programação falocêntrica que se servia de razão existencial. Porém, algo não pode ser consertado mais. Seu “eterno feminino”⁵ é, no entanto, questionado quando colocado frente a frente com a ontologia dos seres humanos que estão em constata formação, sem que programação prévia possa lhe definir e determinar de modo positivo seu leque de atuação. Isso ocorre porque o conserto da boneca parece não funcionar. Há um defeito, uma fissura, que a colocará em constante estado de suspeição perante os comportamentos femininos exigidos, o que lhe garante relativa liberdade de ação.

Essa posição crítica e combativa da escritora, tanto em plano pessoal quanto na coexistência coletiva, acentua-se quando ela atualiza um dos maiores símbolos da cultura judaica, que é a figura de Rachel, uma das míticas mães das dozes tribos fundadoras de Israel. Vejamos o poema:

Like Rachel

To die like Rachel
when the soul shudders like a bird,
wants to break free.
Behind the tent, in fear and dread,
Jacob and Joseph speak of her,
a-tremble.
All the days of her life
turn head over heels inside her
like a baby that wants to be born.



How grueling. How
Jacob's love ate away at her
with a greedy mouth.
As the soul takes leave now,
she has no use for any of that.

Suddenly the baby screeches,
Jacob comes into the tent—
all this Rachel does not even sense.
Rapture washes over her face,
her head.

Then did a great repose descend upon her.
The breath of her nostrils would not stir a feather.
They laid her down among mountain stones
and made her no lament.
To die like Rachel,
that's what I want. (RAVIKOVITCH, 2009, p. 57).

O eu do poema expressa seu desejo por determinada morte. No caso, o exemplo desejado é o de Rachel, umas das esposas do patriarca Jacó, que falece ao dar à luz o seu segundo filho, Benjamin. A figura mítica/mística dessa matriarca é disposta em novo contexto, no qual representações clássicas, feitas por ótica falocêntrica, são deslocadas. Um exemplo disso é que não vemos Rachel debatendo-se com sua irmã Lia para a conquista do coração de Jacó. Sequer vemos as supostas fraquezas da personagem diante das insuficientes graças recebidas de D'us, quanto à necessidade de gerar filhos. Sua personalidade nos é oferecida quando, em pleno sofrimento do parto, parece ser agraciada pela paz que tanto almejava em sua coexistência que lhe demandava constantes negociações pessoais, familiares e políticas.

O que esperar de uma das mais famosas matriarcas do povo judeu? Para Ravikovitch, Rachel merece representações diferentes daquelas clássicas. E quando representa de modo poético sua morte trágica, redime-a de um corolário comportamental feito sob enfoques masculinos que talvez não fizessem jus aos sofrimentos pessoais que teria sido obrigada a assumir, pois suas escolhas foram sobre determinadas por saberes e poderes dos quais estava alijada.

3 Mobilidades luminosas

Ao lado dos temas poetizados por Ravicovitch, já observados acima, acompanhamos, também, a postura sistêmica em minimizar sua personalidade egóica em prol de uma outridade radical, quando temos em vista o lugar social,



certo estrato da sociedade israelense, que lhe é determinado e sobre o qual ela também age de modo pragmático.

Seus poemas demonstram acuidade em posicionar-se no que se chama por “existir com” e até mesmo a postura do “existir para”, em detrimento dos frágeis acordos da coexistência baseada apenas no “existir ao lado de.”⁶ A primeira condição supõe empatia e compromisso para com o outro que faz parte, de modo sistêmico, de nossa existência. A segunda condição supõe uma completa devoção a esse outro, sendo que, inclusive, se anula o fenômeno do sujeito individual. Enquanto a última condição interpessoal supõe a convencional convivência interpessoal, Ravicovitch demonstra ousadia e desprendimento pessoal quando nos oferece contextos poéticos e de razão prática em poemas nos quais expressa o desejo e toda uma pragmática de experimentar vidas excêntricas que, para ela, não existem fora de seu aparelho perceptivo-existencial. São os contextos que acompanhamos, entre variados outros poemas da escritora, no denso e trágico “A história do árabe que morreu no incêndio”. Vejamos parte dele:

Quando o fogo pegou seu corpo, não foi gradualmente
Não houve um primeiro estouro de calor,
nem rajada da fumaça que sufoca,
ou uma noção de algum lugar próximo
para onde fugir.
A chama o pegou instantaneamente –
isso não tem símile –
tirou suas roupas,
chamuscou-lhe a carne.
Os nervos epidérmicos foram atingidos primeiro,
o cabelo alimentou a chama,
Meu Deus, ele gritou, queima,
e foi só isso que pôde fazer em autodefesa.

O texto poético segue nos oferecendo detalhes dolorosos de como o fogo consome o corpo do árabe. Sendo que tal vítima não é colocada em um contexto bélico referencial. Trata-se de um suicida autoimolando-se em prol da luta pelos territórios palestinos? É um palestino incendiado pelo exército israelense? É um quadro resultante de algum acidente trágico? O poema não referencia objetivamente o quadro. Parece que aí também se instaura aquela dinâmica do voo em baixa altitude, no qual se deseja evidenciar uma tragédia humana e social, sem contudo limitá-la a um caso pontual nem sequer também pulverizá-la em um quadro genérico.



O poema termina com um lugar-comum na poesia de Ravicovitch: “ele merecia descanso”. Assim como Rachel também merecia descanso. Bem como as pessoas que passaram pela vida da escritora, quando em franco sofrimento psicossocial, também mereciam descanso.

Por fim, no tropo do fogo que tanto destrói quanto permite a redenção última para o descanso, temos o poema “A dress of fire”, no qual também se retoma uma figura mítica. No caso, Ravicovitch atualiza Medeia, uma das mulheres mais emblemáticas e representadas pela mitologia grega. Alude-se aí a estratégia de vingança levada a cabo pela trágica figura que, traída e abandonada pelo marido, enfrenta o arbitrário código de leis de sua sociedade, fazendo um vestido enfeitado que queima a rival, além do fato dantesco de matar os próprios filhos, dando-os na forma de alimento para o marido Jasão, que a abandonara de modo impiedoso.

Na atualização feita, temos que a intrincada rede de direitos e poderes políticos que enreda a frágil condição pessoal de Medeia é refeita no poema de delicada rede interlocutora, pois aí, parecem falar as várias vozes das mulheres envolvidas: Medeia, Creuza, o eu lírico e a própria Ravicovitch relembrando sua formação pessoal. Num fragmento do poema:

You know, she said, they made you
a dress of fire.
[...]
But the dress, she said, the dress is on fire.
What are you saying, I shouted,
what are you saying?
I'm not wearing a dress at all,
what's burning is me. (RAVIKOVITCH, 1978, p. 76).

O vestido de fogo atualiza e transforma alguns níveis semânticos do mito antigo. No presente, talvez semelhante ao caso da matriarca Rachel que observamos, os sujeitos em ações práticas diante de seus desejos e necessidades pessoais e, sobretudo, coletivas, são capazes de perceber como os dispositivos de manutenção de certa ordem masculina; no caso, os fatos e dispositivos culturais que educam as mulheres para não terem apoios e confianças recíprocas e, constantemente, colocarem-se em estado de conflitos umas com as outras.

O eu lírico, síntese das mulheres envolvidas no conflito trágico, sentem que o vestido de fogo quando destrói uma delas, acaba por destruir a todas. Mais, que tal vestido não seria uma estratégia de poder disposta no exterior das pessoas, mas que está impregnado na dimensão física dos corpos de tais sujeitos.



O fogo é interno ao sujeito que tenta compreender a si mesmo e aos demais que estão em sua rede de coexistência, seja esse outro um homem árabe ou mulheres que montam, de modo diatópico, os lugares fixados pela tradição que hierarquiza condições de ação e reação psicossocial. O vestido de fogo, representante do *modus operandi* que se deseja compreender e desconstruir, está, pois, amalgamado à carne, aos nervos, ao sangue que corre nos corpos tanto da subjetividade em curso, quanto das outridades percebidas e coproduzidas pela perspectiva de inclusão.

Considerações finais

Escritora de cartografias múltiplas, Dahlia Ravikkovitch usa de vários expedientes poéticos para expressar temas que envolvem a construção/reconstrução/imaginação da heterogênea sociedade judaica. De caráter inclusivo, suas posturas consolidam movimentos pacíficos, que são amplificadas para além dos libelos, frente aos conflitos multiétnicos e multiculturais que perfazem seu complexo e delicado contexto geopolítico.

Nessas cartografias em constantes processos de territorializações, de desterritorializações e de reterritorializações, seu aparato socioestético se orienta de modo empático e demonstra estar repleto de ações práticas no âmbito do “existir-com” e no “existir-para”. Essas relações ocorrem nos heterogêneos lugares sociais, como aqueles que envolvem a condição feminina, a situação dos palestinos, a necessidade de se compreender as mobilidades subjetivas e políticas do processo de globalização; e, por fim, a angustiante e corajosa necessidade de se colocar no entrelugar do artista que também funciona como radar para a detecção da complexidade de sua época sombria, bem como para apontar possíveis mobilidades luminosas. Tais mobilidades talvez sejam capazes de apontar futuros equilibrados, seja nas engenharias que montam subjetividades transversais, seja nas engenharias para imaginação/desconstrução/reconstrução de sociedades heterogêneas mais justas.

Lembramo-nos, nessa altura de nosso estudo, das reflexões do antropólogo do cotidiano, Marc Augé, que também trata do tema das mobilidades contemporâneas, seja ela de cunho pessoal e/ou de cunho social:

E preciso aprender a sair de si, a sair de seu entorno, a compreender que é a exigência do universal que relativiza as culturas e não o inverso. E preciso sair do cerco culturalista e promover o indivíduo transcultural, aquele que, adquirindo o interesse por todas as culturas do mundo, não se aliena em relação a nenhuma delas. (AUGÉ, 2010, p. 109).



No contexto da produção poética e nos desdobramentos pessoais de nossa poeta em estudo, podemos perceber seus sistemáticos e intensos movimentos para a saída de si mesma; ações que lhe permitem ir ao encontro de realidades contemporâneas que lhe são sombrias. Sua razão prático-poética, em contrapartida, instrumentaliza-a a nos oferecer importantes questões e planos, como aquele suposto simples plano do voo em baixa altitude, que são capazes de fortalecer os laços entre a perspectiva pessoal e as necessidades da coletividade múltipla, constantemente tensionada por aparentes desejos e poderes divergentes.

* **Jorge Alves Santana** é Professor Associado 3 da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás. Membro Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística dessa faculdade. Pós-Doutor em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (Pós-Lit) da UFMG.

** **Leila Borges Dias Santos** é Professora Adjunta 3 da Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Goiás. Membro Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística dessa faculdade.

Notas

¹ “Ravikovitch was born on November 18, 1936 in Ramat Gan, a Tel Aviv suburb. Her father, Levy (b. Berlin, 1909), an engineer, came to Palestine in the early 1930s via China. Her mother Michal (née Houminer), a teacher by profession, was born in 1909 in Rehovot and died in 1995. There were also twin sons, Ahikam and Amiram, born in 1942. In that year, when Ravikovitch was six years old, her father was run over and killed by a drunken driver, leaving his daughter with a permanent sense of loss and orphanhood. After his death Ravikovitch’s mother moved to Kibbutz Geva with her family and later married a kibbutz member. Dalia, however, feeling herself a misfit, left the kibbutz at the age of thirteen and moved in with a series of foster families in Haifa. She studied literature at the Hebrew University in Jerusalem and later worked as a television and theater critic and high school teacher. Ravikovitch lived in Tel Aviv. She was thrice married and divorced (see Note below). Her first, very brief, marriage at the age of eighteen was to the writer Yosef Bar-Yosef. Her second was to the media personality Yizhak Livni, who remained her close friend, telephoning her every day. Her third marriage (see Note below), which lasted for thirteen years, was to attorney Hayyim Kalir, to whom she bore a son,



Ido Kalir, in 1978. She was desolate when the courts awarded custody to the father. When she was awarded the Israel Prize in 1998, her son received it on her behalf; she herself was unable to attend. Among her many awards are the Bialik Prize, the Brenner Prize, the Shlonsky Prize, the Prime Minister's Award and the prestigious Israel Prize, which she won in 1998". (COHEN, 2016, p. 1). Para mais fatos e detalhes sobre a biografia, produção literária e atuações político-sociais de Ravikovitch, queira ver: KIRSCHBAUM; WALDMAN, 2011; MAZOR; RATTOK, 2009; KAUFMAN; HASAN-ROKEM, 1999; KAREN, 2016

² Os poemas que analisamos são de traduções, devidamente registradas nas referências, feitas por KELLER, 2008, BLOCH; KRONFELD, 2009 e SCANDOLARA, 2013. Este, em Português. As obras de Ravikovitch foram escritas em hebraico. Algumas delas estão traduzidas em inglês e em outros tantos idiomas. Não temos ainda, apesar de obra que já possui importantes premiações de âmbito hebraico e global, traduções completas em Português. As datas dos poemas são as das fontes que usamos.

³ DOMINGUES (2010) trata de modo histórico detalhado a situação político-cultural do Estado de Israel, com ênfase nas múltiplas formações dessa sociedade, que vai dos dogmatismos que excluem a vizinha comunidade palestina, até os segmentos que militam por condições de inclusão desses vizinhos e de demais culturas conexas.

⁴ A reflexão que fazemos neste estudo, no que diz respeito à invenção/reinvenção e imaginação da nação, é embasada por ANDERSON, 2008).

⁵ Conceito que acompanhamos no clássico estudo de BEAUVOIR, 1970.

⁶ Os desdobramentos teórico-analíticos sobre mobilidades contemporâneas, possibilidades de coexistências cotidianas, construção de fronteiras e do lugar social do que nos é tido como estranho/ameaçador são acompanhados em BAUMAN, 2007.

Referências

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia da mobilidade*. Trad. Bruno César Cavalcanti e Rachel Rocha de Almeida. Maceió: EDLTFAL/UNESP, 2010.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Apresentação de Marcelo J. Trad. Introdução e Notas de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.



BAUMAN, Zygmunt. *A vida fragmentada: ensaios sobre a moral pós-moderna*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2007.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. v. 1. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

COHEN, Zafira Lidovsky. Dahlia Ravikovitch. Jewish Women's Archive: Sharing Stories, Inspiring Change. Disponível em: <<http://jwa.org/encyclopedia/article/ravikovitch-dalia>>. Acesso em: 15 jan. 2016.

DAHLIA Ravikovitch. Transl. Karen Alkalay-Gut. Disponível em: <<http://karenalkalay-gut.com/RAVIKOVICH.htm>>. Acesso em: 3 fev. 2016.

DOMINGUES, José Maurício. *A sociologia israelense e a crise do consenso sionista*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 25, n. 73, jun. 2010.

KAUFMAN, Shirley; HASAN-ROKEM, Galit; HESS, Tamar S. *Hebrew Feminist Poems*. New York: The Feminist Press at the City University of New York, 1999.

KELLER, Tsipi (Org.). *Poets on the Edge: An Anthology of Contemporary Hebrew Poetry*. New York: Suny Press, 2008.

MAZOR, Yair. Besieged Feminism: Contradictory Rhetorical Themes in the Poetry of Daliah Rabikovitz. *World Literature Today*. v. 58, n. 3, Varia Issue, Summer, 1984.

RATTOK, Lily. Israeli Women's Writing in Hebrew: 1948-2004. Disponível em: <<http://jwa.org/encyclopedia/article/israeli-womens-writing-in-hebrew-1948-2004>>. Acesso em: 2 fev. 2016.

RAVIKOVITCH, Dahlia. *Hovering at a Low Altitude: The Collected Poetry of Dahlia Ravikovitch*. Translated by Chana Bloch and Chana Kronfeld. Nova York: Norton & Company, 2009.

RAVIKOVITCH, Dahlia. *A Dress of Fire*. Translated Chana Bloch. New York. Sheep Meadow Press/ Columbia University Translation Center, 1978.

SCANDOLARA, Adriano. Poesia, tradução: Dahlia Ravikovitch (1936-2005). Disponível em: <<https://escamandro.wordpress.com/2013/03/03/dahlia-ravikovitch-1936-2005>>. Acesso em: 15 mai. 2016.